

A EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NO ENSINO SUPERIOR

Alzira Maira Perestrello Brando (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, alzira_brando@yahoo.com.br),
Cátia Crivelenti de Figueiredo Walter (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, catiawalter@yahoo.com.br),
Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, leilareginanunes@terra.com.br)

Introdução. Nas últimas duas décadas, a discussão sobre a inclusão de pessoas com deficiência no meio social e educacional tem ganhado grande destaque na Educação. Após os anos 90 do século passado proliferaram, no nosso país, movimentos que lutavam pela igualdade de oportunidade para essas pessoas.

A literatura, contudo, é escassa no que se refere a percepções e atitudes do indivíduo com necessidades educacionais acerca do seu processo de inclusão social no mercado de trabalho e, principalmente, como educador do ensino superior.

Cabe à Educação Especial pensar em investigações que tragam contribuições não apenas para o espaço acadêmico, mas para a sociedade, de um modo geral, que convive com pessoas especiais. É necessária uma mudança no olhar do grupo social para com os indivíduos com deficiência, para que ocorra uma inclusão real dos mesmos nos diversos contextos sociais. **Objetivos.** Os objetivos desta pesquisa é analisar a experiência de uma professora com Deficiência Física no ensino superior, de modo a expor e discutir as formas como a professora planeja e conduz as aulas, incluindo recursos e estratégia para atingir os objetivos das mesmas e identificar e analisar os entraves e os facilitadores para a sua atuação docente.

Metodologia. *Participante:* uma professora, 48 anos, com Deficiência Física, usuária de cadeira de rodas devido ao comprometimento nos seus membros inferiores. Ela é formada em Fisioterapia pela Universidade Católica de Petrópolis e fez um curso de pós graduação em Neurologia Aplicada a Fisioterapia na mesma instituição que se formou. Tem mestrado em Educação e outra pós-graduação na área de saúde *Local:* o estudo foi desenvolvido em uma sala de reuniões de uma universidade privada no município de Duque de Caxias no Estado do Rio de Janeiro.

Procedimentos: o contato por e-mail com a professora permitiu saber seu interesse e possibilidade de participação no estudo e agendamento de encontro entre a pesquisadora e a participante para a realização de uma entrevista. Neste encontro foi possível a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde a pesquisadora informava os objetivos do seu trabalho e se comprometia em manter em sigilo a identidade da participante. A entrevista foi audiografada onde foi apresentado um roteiro previamente estruturado pela pesquisadora e teve duração de dezessete minutos. A mesma foi transcrita na íntegra e analisada por meio da metodologia de análise de conteúdo.

Resultados. Através do discurso da professora foi possível levantar alguns temas relevantes e os mesmos foram transformados em categorias. Foram elencadas as seguintes categorias: escolha pela docência, acessibilidade física no ambiente de trabalho, relacionamento com alunos e colegas, atividades e recursos pedagógicos. Em relação à primeira categoria, “escolha pela docência”, a professora relatou que sentiu necessidade de compartilhar seu conhecimento prático com os outros profissionais, assim tal conhecimento foi adquirido durante a sua trajetória como fisioterapeuta de indivíduos com

comprometimentos neurológicos. Ela precisava transmitir algumas questões, como por exemplo: se a criança vai andar, estudar, a busca pela cura, que as famílias almejam de uma forma diferenciada. E a atividade de docência possibilitou que estes questionamentos fossem respondidos. Em relação segunda a categoria, “acessibilidade física no ambiente de trabalho”, a docente relatou que os ambientes onde trabalhou não eram acessíveis para uma pessoa usuária de cadeira de rodas. Ela retratou que as maiores dificuldades são de ordem arquitetônica, tais como: degraus e as rampas estão fora do padrão de inclinação ideal para cadeirantes. Para transpor tais barreiras, ela relata que uma solução é receber ajuda de outras pessoas de forma espontânea e que isto seria muito bem aceito por ela. Ela demonstra esta atitude na sua fala: *“Dificuldades de ordem arquitetônica, mas que você acaba tendo que pedir auxílio para as pessoas. Eu faço isso naturalmente. Não me incomoda nem nunca me incomodou...”* Na universidade onde a professora leciona só há uma sala ampla com o quadro-negro e equipamentos rebaixados, permitindo que a professora atue e circule de forma autônoma. Apesar dela não se importar de pedir ajuda para descer e subir escadas, ela salienta que **todos** deveriam ter livre acesso em qualquer local. No que se refere à categoria “relacionamento com alunos e colegas”, ela disse que, num primeiro momento, os alunos ficam curiosos para saber como que a mesma vai atender os pacientes, realizar certos movimentos. Mas aos poucos, os educandos observam as adaptações que a docente faz com o seu próprio corpo para atender uma criança. Neste convívio, a ansiedade dos educandos vai cedendo lugar a tranqüilidade, facilitando a relação entre aluno-professor. Quanto aos seus colegas, a relação é bem natural, sendo que muitas vezes eles esquecem que a professora utiliza cadeira de rodas e a ajudam sem a sua solicitação. Esta relação é exemplificada na fala da docente: *“...eles estão conversando comigo e, chegando perto de um degrau, eles continuam andando e esquecem de mim. Olham pra trás e falam: Ih! Esqueci que você usa cadeira! Então, eles retornam porque sabem que vou precisar de auxílio.”* No que se refere a última categoria, “atividades e recursos pedagógicos”, a professora utiliza filmes, audiovisual e dinâmicas pratica de ensino. Em uma das dinâmicas, a docente simula algumas deficiências para os alunos, que sentem pela própria experiência, por alguns instantes, as limitações impostas por uma deficiência. Outra atividade é convidar um paciente para demonstrar um procedimento de avaliação fisioterápica e como organizar um plano de tratamento. Uma terceira dinâmica é a reunião com um grupo de mães, visando a troca de experiências e mostrar aos alunos as diversas realidades e situações enfrentadas por crianças com seqüelas de Paralisia Cerebral. Tais atividades permitem que os alunos vejam na prática o que aprenderam na teoria ainda dentro da faculdade.

Conclusão. O presente estudo, mesmo que muito limitado, mostra que a universidade não está preparada em termos arquitetônicos para receber um professor com deficiência física no ensino superior. Além da mudança no “olhar” para com este professor, que pode ser modificado no convívio acadêmico e profissional, tornando a relação entre professor e aluno mais tranqüila. Foi possível notar a preocupação da professora na construção de conhecimentos mais práticos dos futuros profissionais para lidar com crianças com comprometimentos neurológicos.

Palavras-chave: Professor com deficiência; ensino superior; auto-percepção.